

## **A previsão do tempo e a ecologia: O olhar midiático diante da tragédia ambiental<sup>1</sup>**

Leonardo ALCÂNTARA<sup>2</sup>  
Suelly MAUX<sup>3</sup>  
Universidade Federal da Paraíba, UFPB

### **RESUMO**

O artigo propõe entender como o olhar midiático voltado para a questão ambiental é apresentado a partir do quadro da previsão do tempo, desde a consolidação do saber meteorológico, bem como explorar as possibilidades dialógicas e interdisciplinares desse quadro específico do telejornalismo, no contexto da globalização, com a ecologia. Ancorados na Semiologia de Roland Barthes e sua descrição da estrutura da informação sensacionalista a partir dos *fait divers*, analisamos o caso do tsunami asiático de 2004, problematizando a fragmentação da totalidade socioambiental na forma como a Mídia representa a tragédia ambiental na sua produção noticiosa.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Previsão do tempo; Semiologia; Fait divers; Ecologia; Socioambiental.

### **INTRODUÇÃO**

Há algumas décadas a ecologia podia ser completamente ignorada como algo irrelevante e sem valor para a política e a opinião pública. Porém, nos últimos anos, a crise climática vem ruindo os paradigmas dominantes – como a ideia de progresso econômico e científico –, que foram sobrepostos a todos os outros saberes pela modernidade. Cada vez mais jovens, mulheres, movimentos, instituições e intelectuais ao redor do mundo demandam soluções urgentes dos líderes mundiais em prol do futuro do planeta.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Intercom Júnior (IJ) do 23º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 20 a 22 de junho de 2023.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 5º semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), email: [leonardoalcnt@gmail.com](mailto:leonardoalcnt@gmail.com)

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), email: [smmd@academico.ufpb.br](mailto:smmd@academico.ufpb.br)

O tsunami asiático em 2004 foi uma catástrofe que abalou o mundo pela imprevisibilidade do acontecimento através da força destruidora das ondas gigantes que rapidamente cruzaram todo o Oceano Índico. Esse evento trágico acendeu um alerta sobre a crise climática, mas também evidenciou falhas na comunicação midiática sobre as tragédias ambientais.

Neste contexto, como é possível ao jornalismo noticiar a crise climática e as catástrofes ambientais que impactam o mundo contemporâneo? Como o quadro meteorológico dos telejornais e os sensacionalismos midiáticos podem indicar insuficiências interdisciplinares e fragmentações da realidade no fazer noticioso?

## ANÁLISE

O aquecimento global e a globalização são, inquestionavelmente, signos eloquentes do século XXI, porém, também acentuam contradições. Apesar da consciência ecológica que foi produzida nas últimas décadas em torno da questão ambiental e das políticas de sustentabilidade, a catástrofe climática mundial segue avançando, especialmente nos países subdesenvolvidos. A razão da crise ecológica que vivemos e seu avanço cada vez mais destrutivo e irreversível, está na racionalidade do modo de produção e acumulação capitalista.

Como aponta Leff (2009, p. 63):

O elemento perturbador mais importante dos ecossistemas naturais é o processo de acumulação capitalista, seja pela introdução de culturas inapropriadas às condições ecológicas dos ecossistemas, pelos crescentes ritmos de exploração dos recursos, os efeitos ecodestrutivos dos processos tecnológicos de transformação das matérias-primas na produção, ou pelo incremento de resíduos gerados pelos processos produtivos e formas de consumo de mercadorias. A racionalidade capitalista induz, assim, processos que desestabilizam os ecossistemas.

Foram os filósofos da Escola de Frankfurt que demonstraram como, a partir do século XIX, a racionalidade torna-se um racionalismo, ou seja, uma razão orientada em função de um fim (MAFFESOLI, 2004). Essa racionalidade orientada para o futuro moldou, conseqüentemente, a percepção de tempo e espaço da sociedade moderna. Diferente das sociedades anteriores, baseadas em tradições e ritmos de colheitas, “a sociedade moderna funcionou assim, referindo-se ao futuro, tendo como consequência o mito do progresso, expressão maior desse tempo finalizado” (MAFFESOLI, 2004, p. 25).

Tendo em vista esse tempo pensado em função do futuro como sendo parte constitutiva da racionalidade moderna, tornou-se imperioso também, com o avanço da tecnologia, prever o futuro do tempo.

A necessidade de fazer previsões meteorológicas e climáticas pode ser observada, historicamente, desde os primórdios da humanidade, até como pré-requisito para sua sobrevivência (RAMOS, ZAMBERLAN, 2005). No entanto, essa necessidade se fortalece na contemporaneidade, no final do século XIX, com a criação da Organização Meteorológica Internacional, em 1873, como uma cooperação científica internacional para observar o comportamento da atmosfera terrestre e os fenômenos naturais. Ela foi sucedida pela Organização Meteorológica Mundial, fundada, em 1950, pela Organização das Nações Unidas.

O progresso da humanidade afirmava-se no signo da tecnologia e sua onipotência cada vez maior. O início do século XX foi marcado pela irrupção dos meios de comunicação e a expansão dessa nova realidade mediatizada, até a formação de uma aldeia global. Foram decisivos para o aprimoramento da meteorologia, o surgimento dos computadores eletrônicos e sua capacidade de processar dados e solucionar cálculos matemáticos, e os satélites artificiais que eram lançados no espaço. Com isso, foi possível estabelecer um sistema global que permitisse fornecer dados e informações relativos ao tempo e ao clima para os países que necessitam tomar medidas pertinentes para minimizar as tragédias ambientais (LANGLÖ, 1973).

Foi com esse olhar imperativo e restrito da cientificidade que os fenômenos naturais começaram a ser observados. A previsão do tempo passa a constituir um serviço diário dos jornais, inicialmente no rádio, depois na televisão e mídias digitais. Numa escala planetária, a racionalidade moderna projetava seu domínio sobre o tempo e a natureza, ou, sua forma ideológica de dominação sobre o sujeito e o mundo. Esse conceito de tempo finalizado, podemos dizer, é constitutivo do indivíduo, da mesma maneira que ele é constitutivo do conjunto social no seu todo (MAFFESOLI, 2004).

Na mídia e, principalmente, no jornalismo, a questão ambiental ainda permanece objeto de observações frias e desconexas, incapazes de agregar o ambiental ao todo social. Como descreve Ramos e Zamberlan (2005, p. 36-37):

A desconexão informativa entre o social e o ambiental, reveladora da política de uma mente em partes, aparece, também, sinalizada em grande parte nos boletins sobre o tempo. Uma série de dados presenteístas,

estanques do todo causador dos fenômenos meteorológicos, são anunciados numa perspectiva despreocupada com o diálogo entre o texto e o contexto.

Essa racionalidade moderna é pautada numa relação fragmentada de superioridade e dominação do homem sobre a natureza, que o separa completamente de estabelecer uma relação com o todo. Entretanto, parece que a crise climática está ruindo os paradigmas dominantes e causando fissuras nessa racionalidade onipotente.

O tsunami asiático de 2004 foi uma catástrofe de proporções continentais que a humanidade vivenciou. O sismo originou-se no Oceano Índico e provocou ondas gigantes de mais trinta metros de altura, que atingiram a costa da Indonésia, Sri Lanka, Índia e Tailândia, na Ásia, e também países da costa africana, como África do Sul e Somália, deixando mais de 300.000 mortos e milhares de desabrigados e desaparecidos (REBELO, 2005). O maremoto atingiu 9,1 graus na escala Richter e conseguiu a proeza de deslocar a Terra do seu eixo. Os serviços de meteorologia e previsão climática, mesmo nos países desenvolvidos e equipados com tecnologia avançada, falharam em prever o risco de um tsunami tão violento e nunca antes manifestado numa escala tão catastrófica (REBELO, 2005).

Esses acontecimentos evidenciam a vulnerabilidade humana diante da Natureza. Esta que parecia ter sido dominada pelo progresso e pela razão, nesses eventos trágicos, revela a fragilidade do Homem.

A catástrofe ambiental e a crise climática são representadas, na Mídia e no jornalismo, pela lógica do sensacionalismo, uma informação parcial e imediata, que busca apenas interpelar as emoções pela representação da Tragédia. O real “não é apropriado pelos signos em sua plenitude” (RAMOS, ZAMBERLAN, 2005, p. 40), apenas como referente, e, convertido em notícia, conota a fatalidade como explicação do real (RAMOS, 2012). O semiólogo Roland Barthes teorizou o sensacionalismo através da estrutura dos *fait divers*. Segundo Barthes (2013, p. 58, grifos do autor):

O *fait divers*, pelo contrário, é uma informação total, ou, mais exatamente, *imane*nte; ele contém em si todo o seu saber: não é preciso conhecer nada no mundo para conhecer um *fait divers*; ele não remete formalmente a nada além dele próprio; evidentemente, seu conteúdo não é estranho ao mundo: desastres, assassinios, raptos, agressões, acidentes, roubos, esquisitices, tudo isso remete

ao homem, a sua história, a sua alienação, a seus fantasmas, a seus sonhos, a seus medos.

A lógica dos *fait divers* pode ser reduzida, em suas diversas utilizações na Mídia, em características simultâneas de Causalidade e Coincidência. Em sua dimensão Trágica, a Causalidade dá ênfase “ao que se poderia chamar de *dramatis personae* (criança, velho, mãe, etc.) espécies de essências emocionais encarregadas de vivificar o estereótipo” (BARTHES, 2013, p. 60, grifos do autor). A causa, ou as causas, são diluídas no acontecimento, no drama da condição humana. A compreensão do real é minada e fragmentada por forças que lhe escapam, como ecos do real, “perturbada sem entretanto desaparecer, ela fica de certo modo suspensa entre o racional e o desconhecido (BARTHES, 2013, p. 63).

É a relação de Coincidência, o que leva sempre a imaginar uma causa desconhecida para explicar o acontecimento, é o acaso. Ele “traz na Antítese a situação de Cúmulo – a má sorte – para quem foi vitimado” (RAMOS, ZAMBERLAN, 2005, p. 40), expressa a causa como situação de azar, e provoca sensação de alívio – a sorte – para quem consome imediatamente a notícia.

O *fait divers* cristaliza o evento no presente, é imanente, compartimentado no seu próprio contexto, restrito, repetitivo e estereotipado, não transcende o seu próprio território de saberes; é um espetáculo trágico e espantoso que interpela os sujeitos, é, por natureza, sensacionalista (RAMOS, 2012). Entende-se essa forma noticiosa como um sintoma da racionalidade capitalista, moderna, esta que é a própria razão da crise ecológica e climática que vivemos.

## CONCLUSÃO

O olhar para a questão ambiental permaneceu, por muito tempo, restrito aos escaninhos da cientificidade, da razão e do progresso. A racionalidade capitalista moderna é o principal elemento causador e perturbador da crise dos ecossistemas do planeta Terra. Esse saber dominante – o mito da modernidade –, baseado no domínio da natureza, no individualismo e no tempo finalizado, está ruindo na medida em que destrói a natureza que o sustenta.

É preciso elaborar alternativas comunicativas ambientais a partir de uma racionalidade ambiental, “como uma dialética entre razão e sua expressão no real” (LEFF,

2009, p. 284) que permita compreender as metamorfoses em curso, “nos fazendo passar de um *progressimo* para uma *progressividade* que reinveste no arcaísmo: povo, território, natureza, sentimentos, impulsos...” (MAFFESOLI, 2017, p. 1, grifos do autor), numa perspectiva de constituir outras formas, ecológicas e sensíveis, nivelar o homem e a natureza, o social e o ambiental, na produção da notícia.

## REFERÊNCIAS

- BARTHES, Roland. **Crítica e verdade**. 3. ed. São Paulo: Prespectiva, 2013.
- LANGLÖ, Kaare. Predecir y cambiar el tiempo. **El Correo**, UNESCO, ago/set de 1973.
- LEFF, Enrique. **Ecologia, capital e cultura**: a territorialização da racionalidade ambiental. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.
- MAFFESOLI, Michel. Perspectivas tribais ou a mudança do paradigma social. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n. 23, abril de 2004, p. 23-29.
- MAFFESOLI, Michel. Ecosofia: sabedoria da Casa Comum. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, v. 24, n. 1, abril de 2017.
- RAMOS, Roberto. **Os sensacionalismos do sensacionalismo**: uma leitura dos discurso midiáticos. Porto Alegre: Sulina, 2012.
- RAMOS, Roberto, ZAMBERLAN, Liége. Mídia e previsão do tempo: uma questão de interpretação. **Intexto**, Porto Alegre: UFRGS, n. 13, jul/dez de 2005, p. 35-46.
- REBELO, Fernando. O tsunami do Índico. 26 de dezembro de 2004, um dia negro para a história do mundo. **Territorium**, Coimbra, n. 12, set. de 2005, p. 101-102.